AS NARRATIVAS DO COTIDIANO E OS REGISTROS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CAMINHOS PARA A ESCUTA E A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS

Luís Antonio dos Santos Nascimento
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0008-1982-5260
Endereço eletrônico: 202420055@uesb.edu.br

Milane Silva Oliveira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0007-9372-4655
Endereço eletrônico: milane.oliveira@uesb.edu.br

Larissa Monique de Souza Almeida
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6646-940
Endereço eletrônico: larissa.almeida@uesb.edu.br

Palavras-chave: Avaliação na educação infantil; narrativas do cotidiano; círculos de culturas da infância; ação pedagógica.

INTRODUÇÃO

As discussões acerca da avaliação na Educação Infantil têm evidenciado tensões entre perspectivas fundamentadas na escuta, no brincar e nas múltiplas linguagens infantis e práticas ainda marcadas por lógicas classificatórias e escolarizantes. Nessa etapa, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) compreende a avaliação como acompanhamento dos processos de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, pautado na observação e nos registros, sem objetivos de seleção, classificação ou promoção (Brasil, 2018). Assim, pensar a avaliação na Educação Infantil implica superar perspectivas centradas na mensuração de desempenhos e voltar-se ao acompanhamento sensível das experiências, culturas e modos de participação das crianças. Silva (2024) compreende as narrativas do cotidiano e os Círculos de Culturas da Infância (CRIA) como possibilidades de tornar visíveis as experiências infantis, reconhecendo as crianças como produtoras de sentidos, culturas e conhecimentos.

O CRIA constitui uma abordagem pedagógica fundamentada nos pressupostos freireanos dos Círculos de Cultura, na Teoria Histórico-Cultural, nas Pedagogias da Infância e na Sociologia da Infância, articulando escuta, participação, diálogo e produção coletiva de conhecimentos a partir das experiências das crianças (Silva, 2024). Portanto, a ação pedagógica na Educação Infantil deve fundamentar-se na escuta, observação e documentação das experiências, compreendendo o registro como espaço de reflexão e construção de memória.

METODOLOGIA

Ao longo das vivências no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), Subprojeto Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), realizadas com uma turma do Grupo 4 de um Centro de Educação Infantil, em Jequié-BA, durante o ano de 2025, emergiu a seguinte inquietação: de que maneira as narrativas do cotidiano podem constituir registros capazes de visibilizar os processos de aprendizagem, desenvolvimento, participação e produção de sentidos das crianças na Educação Infantil?

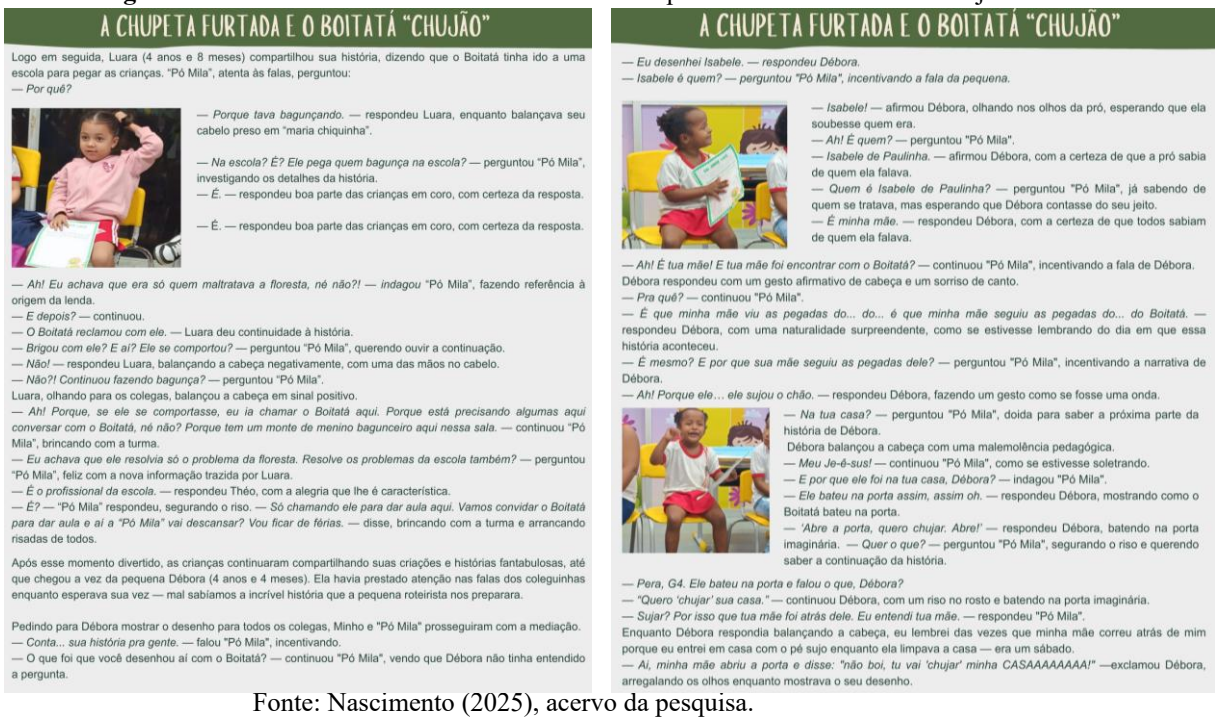
Para responder a essa questão, foi desenvolvida uma pesquisa de campo de natureza qualitativa (Amado, 2017), fundamentada nos pressupostos teórico-metodológicos dos Círculos de Culturas da Infância (Silva, 2024). Foram realizadas observação participante, registros escritos, fotografias, desenhos produzidos pelas crianças e ações pedagógicas documentadas por meio de narrativas do cotidiano. O estudo dialoga com Paulo Freire (1996), ao compreender a educação como prática dialógica e valorizar a escuta dos sujeitos; de Madalena Freire (1996), ao reconhecer a observação, o registro e a reflexão como instrumentos da ação pedagógica; de Carvalho e Fochi (2017), ao compreender o cotidiano da Educação Infantil como espaço de produção de conhecimentos. A análise das narrativas buscou compreender como falas, brincadeiras e interações infantis revelam modos de pensar e significar o mundo, evidenciando possibilidades de acompanhamento sensível dos processos vividos pelas crianças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante os registros das narrativas, foram observados que as produções infantis não se restringem à reprodução de conteúdos apresentados pelos adultos, mas constituem formas

próprias de interpretar, reinventar e significar o mundo. Partindo desse pressuposto, a escuta sensível tornou-se elemento fundamental da ação pedagógica, compreendendo que, ao se expressarem, as crianças produzem relações, sentidos e modos de existir. A documentação foi construída por meio de fotografias, desenhos, registros escritos e diálogos, possibilitando revisitar os processos vividos, interpretar percursos e refletir sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas, corroborando com o pensamento de Madalena Freire (1996, p. 15) ao compreender o registro como instrumento de reflexão sobre a prática pedagógica. Sob essa ótica, a documentação pedagógica possibilita acompanhar os processos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, tornando visíveis seus percursos, experiências e formas de participação no cotidiano. Para este trabalho, tomou-se como recorte analítico a narrativa do cotidiano intitulada "*A Chupeta Furtada e o Boitatá "Chujão"* (Figura 1).

Figura 1 – Recorte da narrativa do cotidiano "A Chupeta Furtada e o Boitatá 'Chujão'"



A CHUPETA FURTADA E O BOITATÁ "CHUJÃO"

Logo em seguida, Luara (4 anos e 8 meses) compartilhou sua história, dizendo que o Boitatá tinha ido a uma escola para pegar as crianças. "Pó Mila", atenta às falas, perguntou:
— *Por quê?*

— *Porque tava bagunçando.* — respondeu Luara, enquanto balançava seu cabelo preso em "maria chiquinha".

— *Na escola? É? Ele pega quem bagunça na escola?* — perguntou "Pó Mila", investigando os detalhes da história.
— *É.* — respondeu boa parte das crianças em coro, com certeza da resposta.

— É. — respondeu boa parte das crianças em coro, com certeza da resposta.

— *Ah! Eu achava que era só quem maltratava a floresta, né não?!* — *indagou* "Pó Mila", fazendo referência à origem da lenda.
— *E depois?* — continuou.
— *O Boitatá reclamou com ele.* — Luara deu continuidade à história.
— *Brigou com ele? E aí? Ele se comportou?* — perguntou "Pó Mila", querendo ouvir a continuação.
— *Não!* — respondeu Luara, balançando a cabeça negativamente, com uma das mãos no cabelo.
— *Não?! Continuou fazendo bagunça?* — perguntou "Pó Mila".
Luara, olhando para os colegas, balançou a cabeça em sinal positivo.
— *Ah! Porque, se ele se comportasse, eu ia chamar o Boitatá aqui. Porque está precisando algumas aqui conversar com o Boitatá, né não? Porque tem um monte de menino bagunceiro aqui nessa sala.* — continuou "Pó Mila", brincando com a turma.
— *Eu achava que ele resolvia só o problema da floresta. Resolve os problemas da escola também?* — perguntou "Pó Mila", feliz com a nova informação trazida por Luara.
— *É o profissional da escola.* — respondeu Théo, com a alegria que lhe é característica.
— *É?* — "Pó Mila" respondeu, segurando o riso. — *Só chamando ele para dar aula aqui. Vamos convidar o Boitatá para dar aula e aí a "Pó Mila" vai descansar? Vou ficar de férias.* — disse, brincando com a turma e arrancando risadas de todos.

Após esse momento divertido, as crianças continuaram compartilhando suas criações e histórias fantabulosas, até que chegou a vez da pequena Débora (4 anos e 4 meses). Ela havia prestado atenção nas falas dos coleguinhas enquanto esperava sua vez — mal sabíamos a incrível história que a pequena roteirista nos preparara.

Pedindo para Débora mostrar o desenho para todos os colegas, Minho e "Pó Mila" prosseguiram com a mediação.
— *Conta... sua história pra gente.* — falou "Pó Mila", incentivando.
— O que foi que você desenhou aí com o Boitatá? — continuou "Pó Mila", vendo que Débora não tinha entendido a pergunta.

A CHUPETA FURTADA E O BOITATÁ "CHUJÃO"

— *Eu desenhei Isabele.* — *respondeu Débora.*
— *Isabele é quem?* — *perguntou "Pó Mila", incentivando a fala da pequena.*

— *Isabele!* — afirmou Débora, olhando nos olhos da pró, esperando que ela soubesse quem era.
— *Ah! É quem?* — perguntou "Pó Mila".
— *Isabele de Paulinha.* — afirmou Débora, com a certeza de que a pró sabia de quem ela falava.
— *Quem é Isabele de Paulinha?* — perguntou "Pó Mila", já sabendo de quem se tratava, mas esperando que Débora contasse do seu jeito.
— *É minha mãe.* — respondeu Débora, com a certeza de que todos sabiam de quem ela falava.

— *Ah! É tua mãe! E tua mãe foi encontrar com o Boitatá?* — continuou "Pó Mila", incentivando a fala de Débora.
Débora respondeu com um gesto afirmativo de cabeça e um sorriso de canto.
— *Pra quê?* — continuou "Pó Mila".
— *É que minha mãe viu as pegadas do... do... é que minha mãe seguiu as pegadas do... do Boitatá.* — respondeu Débora, com uma naturalidade surpreendente, como se estivesse lembrando do dia em que essa história aconteceu.
— *É mesmo? E por que sua mãe seguiu as pegadas dele?* — perguntou "Pó Mila", incentivando a narrativa de Débora.
— *Ah! Porque ele... ele sujou o chão.* — respondeu Débora, fazendo um gesto como se fosse uma onda.

— *Na tua casa?* — perguntou "Pó Mila", doida para saber a próxima parte da história de Débora.
Débora balançou a cabeça com uma malemolência pedagógica.
— *Meu Je-ê-sus!* — continuou "Pó Mila", como se estivesse soletrando.
— *E por que ele foi na tua casa, Débora?* — indagou "Pó Mila".
— *Ele bateu na porta assim, assim oh.* — respondeu Débora, mostrando como o Boitatá bateu na porta.
— *'Abre a porta, quero chujar. Abre!'* — respondeu Débora, batendo na porta imaginária. — *Quer o que?* — perguntou "Pó Mila", segurando o riso e querendo saber a continuação da história.

— *Pera, G4. Ele bateu na porta e falou o que, Débora?*
— *"Quero 'chujar' sua casa."* — continuou Débora, com um riso no rosto e batendo na porta imaginária.
— *Sujar? Por isso que tua mãe foi atrás dele. Eu entendi tua mãe.* — respondeu "Pó Mila".
Enquanto Débora respondia balançando a cabeça, eu lembrei das vezes que minha mãe correu atrás de mim porque eu entrei em casa com o pé sujo enquanto ela limpava a casa — era um sábado.
— *Aí, minha mãe abriu a porta e disse: "não boi, tu vai 'chujar' minha CASAAAAAAAA!"* —exclamou Débora, arregalando os olhos enquanto mostrava o seu desenho.

Fonte: Nascimento (2025), acervo da pesquisa.

Na construção coletiva, as crianças reinterpretaram o personagem folclórico a partir de suas experiências. Luara, ao compartilhar sua história, afirma que o Boitatá foi à escola para pegar as crianças porque elas estavam bagunçando. Após essa atribuição, Théo afirmou: "É o profissional da escola", conferindo ao personagem a função de intervir diante das situações de "bagunça". Débora, descreve com clareza, como quem viveu, que o Boitatá foi à sua casa com

um objetivo: “Chujar o chão” (Figura 1). Partindo das suas próprias perspectivas, imaginação e compreensão, ao longo da experiência, as crianças produziram interpretações diversas, inserindo-se como personagens, atribuindo novos sentidos ao Boitatá.

Os modos de pensar das crianças constituem importantes possibilidades de acompanhamento dos processos infantis, permitindo compreender hipóteses, interpretações, memórias, afetos e formas de participação construídas no cotidiano. Em vez de corrigir ou limitar as produções infantis, a mediação pedagógica buscou sustentar a escuta e ampliar o diálogo.

A análise dos registros produzidos durante a pesquisa evidenciou que desenhos, falas e narrativas das crianças possibilitaram identificar processos de aprendizagem relacionados à construção da identidade, à ampliação da linguagem, à interação social e à elaboração de hipóteses sobre o mundo. Observou-se que, ao longo das experiências, as crianças passaram a utilizar com maior frequência elementos, conceitos e referências discutidos nas vivências, demonstrando apropriação progressiva dos conhecimentos construídos coletivamente.

Tais evidências reforçam a avaliação na Educação Infantil como um processo contínuo de observação, escuta e documentação, permitindo acompanhar percursos de aprendizagem sem recorrer a práticas classificatórias. Nesse sentido, a documentação pedagógica constituiu-se como importante dispositivo de avaliação formativa e de (re)planejamento, ao tornar visíveis conquistas, interesses, modos de participação e processos de significação das crianças. Entretanto, reconhece-se como limitação do estudo o fato de a pesquisa ainda estar em andamento, o que impossibilita análises mais amplas sobre os impactos dessas práticas em períodos mais extensos.

CONCLUSÕES

Ao acompanhar os processos vividos no cotidiano por meio de registros, observações e narrativas, tornou-se possível compreender a infância para além de perspectivas classificatórias e escolarizantes. As experiências analisadas demonstraram que as narrativas do cotidiano favoreceram a visibilização dos processos de aprendizagem, participação e produção de sentidos das crianças, permitindo identificar hipóteses, interpretações, interesses e formas de interação que dificilmente seriam percebidos por meio de instrumentos avaliativos padronizados. Nessa conjuntura, a avaliação deixa de ocupar um lugar de controle

e verificação para assumir uma dimensão ética, narrativa e formativa, comprometida com as crianças e com a valorização de suas múltiplas formas de expressão.

REFERÊNCIAS

AMADO, João (Org.). **Manual de investigação qualitativa em educação.** 3. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de; FOCHI, Paulo Sergio. Pedagogia do cotidiano na (e da) educação infantil. **Em Aberto,** Brasília, v. 30, n. 100, p. 1–192, set./dez. 2017.

FREIRE, Madalena. **Observação, registro e reflexão:** instrumentos metodológicos I**.** 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

NASCIMENTO, Luís Antonio dos Santos. **A chupeta furtada e o Boitatá "Chujão"**. Jequié, 2025. Disponível em: https://oquenascedoovo-site.github.io/o-que-nasce-do-ovo/. Acesso em: 31 maio 2026.

SILVA, Elenice de Brito Teixeira; ALMEIDA, Larissa Monique de Souza. *Círculos de* **Culturas da Infância:** Narrativas do cotidiano da Educação Infantil**.** São Paulo: Pedro & João Editores, 2024.